Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos
Edição Comemorativa
Recife, 11 de março de 2019

A SINAGOGA *KAHAL ZUR ISRAEL* EM RECIFE: COMO A MEMÓRIA DO POVO JUDEU CONTRIBUI PARA O TURISMO NA CAPITAL PERNAMBUCANA

Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle[*]
Bruna Galvão Souza[**]
Sandy Rayanne da Silva Ramos[***]

Resumo

Por volta do século XVII judeus sefaraditas chegariam ao Recife-PE em decorrência do sistema colonial europeu, da busca pela hegemonia cristã naquele continente e da perseguição às práticas judaizantes que se desenvolvia. Em 1532 o Brasil se tornaria uma terra promissora dada a produção açucareira, e por volta de 1535, cristãos-novos deixariam Portugal rumo às terras brasileiras. Entre 1629 e 1630, a ocupação holandesa, em geral protestante, e a atuação da Companhia das Índias Ocidentais no Nordeste brasileiro, motivadas por fazer prosperar a economia, incentivariam a liberdade de culto, momento no qual muitos judeus vieram também da Holanda para o Brasil. Ainda entre os anos de 1636 a 1639, Duarte Saraiva, judeu português que se destacou economicamente, viria a adquirir terrenos onde se desenvolveria a sinagoga, ou "casa de congregação". A Sinagoga *Kahal Zur Israel*, primeira sinagoga das américas, manter-se-ia ativa até 1654, e como o nome propõe, passaria a constituir-se como "sagrado rochedo de Israel", ao traduzir base sólida para a perpetuação das lembranças e disseminação das práticas judaizantes ao longo da história. Ainda é possível identificar no local a antiga Escola de Torá, onde se aprendia a ler as Escrituras em hebraico, paredes edificadas entre os séculos XVII e XVIII, o *B*or e o *Mikve*, onde se realizavam os banhos de purificação, resquícios do piso e de objetos, e uma reprodução da antiga sinagoga. Existem ainda painéis com fotografias e documentos que relatam o retorno do povo judeu, asquenazita à cidade do Recife, entre os séculos XIX e XX, quando em fuga pelos regimes antissemitas que se desenvolveram na Europa. O estudo objetiva analisar como a existência da Sinagoga contribui para a manutenção da memória e da cultura de um povo, e, assim, para o desenvolvimento do turismo na capital pernambucana.

Palavras-chave: Recife. Turismo. Judaísmo. Sinagoga *Kahal Zur Israel*.

INTRODUÇÃO

No ano de 1497 era iniciada a perseguição e o batismo forçado do povo judeu, convertido à força e discriminado enquanto "cristãos-novos". Em 1532, o Brasil havia se tornado uma terra promissora devido à produção

[*] Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7822186880352675. E-mail: thaischianca@gmail.com.
[**] Graduanda em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2557767989549476. E-mail: brunags@outlook.com.br.
[***] Graduanda em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2672022793581875. E-mail: sandyrayanne@hotmail.com.

açucareira, e a atração para uma terra distante da metrópole garantia a tranquilidade religiosa. Assim, em 1535, judeus convertidos em cristãos-novos deixaram Portugal rumo às terras brasileiras.

Ocorre que o processo de expansão do sistema colonial europeu evidenciou as Américas, também, como destino a ser alcançado, e países católicos, como Portugal e Espanha, buscavam garantir a hegemonia cristã nas terras colonizadas. E foi em 1536, que a Inquisição se instalou em Portugal, e em 1593, chegou a Pernambuco. Não havia Tribunal do Santo Ofício no Brasil, mas comissários do Santo Ofício, familiares e Visitadores buscavam denúncias, sobretudo, de práticas judaizantes. Os acusados eram levados a Portugal para julgamento.

Na época, as denúncias eram feitas por pessoas da vizinhança, que observavam as práticas e a vida dos vizinhos. Diante da perseguição, alguns judeus e judias, como Diogo Fernandes e Branca Dias, senhores de engenho em Camarajibe, viviam em dupla religiosidade.

Entre os anos de 1629 e 1630, no entanto, com a ocupação holandesa no Nordeste brasileiro, veio a tolerância religiosa. Isso porque a Holanda era um país predominantemente protestante, mas admitia a liberdade de culto, desde que não houvesse tentativa de conversão ou demonstração pública, uma vez que era interessante para os holandeses manterem negócios com os judeus, enquanto a colônia prosperava economicamente. A tolerância religiosa se estendeu aos territórios sob administração da Companhia das Índias Ocidentais, incluindo o Nordeste brasileiro, e no ano de 1635, alguns judeus sefaraditas, ou seja, provenientes de Portugal e Espanha, solicitaram à Companhia a transferência para o Brasil holandês.

Em 1636, Duarte Saraiva, judeu português que se destacou economicamente e perante a comunidade judaica de Pernambuco, adquiriu o terreno usado para a esnoga - sinagoga em sentido litúrgico -, na rua que ficou conhecida como a Rua dos Judeus, e em 1639, comprou o terreno onde viria a surgir a sinagoga *Kahal Zur Israel*, concluída em 1641.

No dia 23 de janeiro de 1637 chegou à Capitania, para comandar os negócios da Companhia das Índias Ocidentais em Pernambuco, João Maurício de Nassau, que cultivou a convivência social voltada ao respeito entre os diferentes credos. Houve a construção da Cidade Maurícia, onde se estabeleceu a congregação judaica *Maguen Avraham.* Assim, tem-se que:

> O complexo religioso encontrava-se conturbado de uma forma mais ampla no sistema mundial. Enquanto que nas Américas as religiões nativas encontravam-se pressionadas por novos deuses, novos rituais, novas cosmologias, na Europa havia um grande processo coercitivo no sentido de manter os cânones da Igreja Católica. Portanto, o panorama religioso, a nível mundial, encontrava-se bastante conturbado. E, como é quase impossível se fazer uma separação entre as decisões políticas e a religião no século XVII, pode-se, sem grande dificuldade, admitir que o ambiente sócio-político se encontrava bastante tenso e inseguro, sobretudo para alguns grupos dos quais se destacam os judeus. Perseguidos, sobretudo em Portugal e Espanha, procuraram se defender através de mais uma migração. Alguns seguiram para Amsterdã, outros para as Américas diretamente, e muitos acompanharam os holandeses quando estes resolveram ocupar parte das terras portuguesas no "novo mundo" sobretudo no nordeste do Brasil. [...]
> Os reflexos econômicos do pólo açucareiro americano, decorrentes das relações entre Portugal e Espanha, motivaram os holandeses a planejar uma ocupação no Nordeste do Brasil. [...]
>
> Em 1630 consubstancia-se a ocupação do Nordeste do Brasil pelos holandeses. [...] a população que chegara com os holandeses concentrou-se no povoado junto ao porto. Naquele istmo cresceu o Recife, com seus armazéns e casas de comércio. Apinhavam-se ali soldados, comerciantes, aventureiros que buscavam nova vida. Acorreu também ao Recife um significativo contingente de famílias judaicas. [...] (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2003, p. 67-68).

O povo judeu se inseria em diversas atividades econômicas, em especial o comércio, mas era composto também de senhores de engenho e profissionais liberais, entre médicos e advogados. Na Rua dos Judeus se situou a comunidade *Kahal Zur Israel*. Até que, em 1639, nesta rua, foi edificada a primeira sinagoga das Américas. Em 1648, acontecia, ainda, a

união das duas congregações judaicas de Pernambuco: *Maguen Avraham* e *Kahal Zur Israel*.

> A postura de tolerância religiosa de Nassau permitiu aos judeus a construção da primeira sinagoga das Américas. Enfim, os judeus que habitavam o Novo Mundo puderam construir a sua Sinagoga que viria a se chamar Kahaf Zur Israel. Até então seus rituais religiosos se faziam às escondidas, sob a constante ameaça de uma possível denúncia. Esta Sinagoga representava bem mais que a liberdade religiosa, mas a possibilidade e existência enquanto identidade cultural. (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2003, p. 70).

A primeira sinagoga das Américas, a *Kahal Zur Israel*, funcionou enquanto templo, de 1636 a 1654, pouco tempo após a saída de Nassau do Brasil. Entre 1645 e 1654, Portugal iniciou a retomada da colônia, rica em produção de cana-de-açúcar. E com o retorno da dominação portuguesa, nova proibição às práticas judaizantes. Alguns judeus dirigiram-se para Holanda, Amsterdã, Caribe, e Nova Amsterdã (atual Nova Iorque), e 23 destes, tendo saído de Recife para Nova Iorque, fundaram uma sinagoga na cidade norte-americana. Outros fixaram-se pelo sertão do Brasil, onde continuaram suas práticas judaizantes em segredo.

Na segunda metade do século XIX, entre 1881 e 1914, judeus do norte da África e da Europa oriental – Polônia, Arábias, Alemanha, Rússia, Ucrânia -, ou seja, ashkenazitas, retornariam ao Recife, fugindo do czarismo, do nazismo e do fascismo, e do antissemitismo que os acusava de agitadores, competidores de emprego, colaboradores de impostos. O povo de idioma Ídiche, um dialeto entre o alemão e o hebraico, trazia consigo o Teatro Ídiche, o qual servia para manter a identidade cultural e as tradições judaicas através de peças judaicas, mais também da cultura popular. Clarice Lispector, judia askenazim, viveu em Recife por 10 anos.

No final da década de 1930, o Brasil incorporava a ideia do comunismo, e o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) viria a estabelecer limitações à política imigratória, excluindo e expulsando das

terras brasileiras judeus, comunistas, negros e povos orientais. Mais uma vez, o povo judeu sofreria uma perseguição sem precedentes.

OS TESOUROS ESCONDIDOS NA SINAGOGA *KAHAL ZUR ISRAEL*

No ano de 1999, o conhecimento adquirido a partir de documentação textual, estudos históricos e cartográficos, sobre a existência da Sinagoga em Recife, fez com que a Federação Israelita de Pernambuco solicitasse ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco a elaboração de projeto de pesquisa o qual objetivasse o estudo do local onde teria existido a Sinagoga *Kahal Zur Israel*, ou o "Sagrado Rochedo de Israel". Assim, entre outubro de 1999 e janeiro de 2000, desenvolveu-se, com o apoio financeiro da Fundação Safra, um processo de escavação arqueológica que revelou o principal elemento a identificar o local da Sinagoga: o *Bohr*, poço revestido de pedras brutas e construído no interior da casa, próximo ao antigo talude do Rio Beberibe (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2003, p. 71).

A estrutura foi fundamental para a identificação funcional da área de banhos de purificação, o *Mikvê*, e a importância da descoberta foi divulgada nas mídias da época:

> Mikva é uma banheira destinada ao banho de purificação (voltado para a higiene espiritual e não para a física) e é encontrada em todas as sinagogas. De acordo com a pesquisadora do Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro/Seção de Pernambuco Beatriz Schvartz, a Mikva deve receber, diretamente, água natural, de chuva ou de fonte. Lá, os religiosos se purificam antes de proferir orações e antes da celebração do Dia do Perdão. Além disso, a Mikva é usada pelos ortodoxos para lavar as louças compradas a comerciantes não-judeus.
> [...] A banheira também é usada para a conversão de pagãos ou pessoas pertencentes à outra religião ao judaísmo. O presidente da Federação Israelita de Pernambuco, Bóris Berenstein, acrescenta que as mulheres, após o ciclo menstrual, tomam banho de imersão na água corrente da Mikva, fazendo orações para a purificação do corpo. Só após

> o banho, elas podem voltar a manter relações sexuais com o marido. (JORNAL DO COMMERCIO, 1999, p. 7).

Os banhos de purificação aconteciam utilizando-se de água corrente, motivo pelo qual, na Sinagoga *Kahal Zur Israel*, a água do rio Beberibe, que passavam por trás da casa, gerando um lençol de água subterrâneo, atravessava o *Bor* e mantinha comunicação com o *Mikve*.

Além do *Bor* e do *Mikve*, a parede lateral de tijolos e o piso do local correspondem à arquitetura do século XVII. E, após Recife ter sido ocupada novamente por portugueses, durante o século XVIII, ergueu-se uma parede paralela na estrutura, evidenciando uma diferença perceptível na arquitetura: tijolos, característica holandesa, e pedras, característica portuguesa.

Conforme fossem retiradas sete camadas de aterro para se chegar ao piso original da estrutura, a descoberta de objetos utilizados no aterramento evidenciou a existência de restos de louças, cachimbos e objetos utilizados por pessoas que passaram pelo local enquanto sinagoga. Dois cachimbos, por exemplo, marcam a história do lugar: um branco, com características holandesas, e um marrom, com características portuguesas.

Existe uma lista de nomes judeus registrados em livro de presença da Sinagoga *Kahal Zur Israel*, a qual demonstra os homens assinando por si e por suas famílias, e nomes constituídos por nomes judeus e sobrenomes católicos, portugueses ou espanhóis. Isso porque tornava-se mais fácil comercializar com cristãos utilizando-se de nomes igualmente cristãos.

Uma réplica da Sinagoga do século XVII foi construída no local, revelando as estruturas essenciais: *Bimá*, *Torá*, *Aron Hakodeshi*, *Ner Tamide*. O *Aron Hakodeshi* ou "Arca Sagrada", armário sagrado que guarda o pergaminho, encontra-se localizado do lado oposto à *Bimá,* mesa onde se realiza a leitura da Torá. A *Ner Tamide* é a lâmpada que representa o fogo de Deus no altar, luz que não pode se apagar. E a *Torá*, o texto sagrado que corresponde aos livros do Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e

Deuteronômio, acrescidos de mandamentos a serem seguidos pela comunidade judaica, para chegar a Deus.

Sabe-se que, após a retirada de Maurício de Nassau da cidade do Recife, com a retomada da perseguição cristã aos judeus, muitos migraram para a América do Norte, e lá fundaram uma sinagoga em Nova Iorque. Assim, o teto reconstruído na Sinagoga *Kahal Zur Israel* imita a estrutura do teto da sinagoga dessa cidade norte-americana. É desenhado reproduzindo folhas de Romã, símbolo do *Rosha Shaná* - ano novo judaico -, e que contém seiscentos e treze sementes, número igual aos mandamentos que o povo judeu deve seguir. As sementes, muito próximas entre si, remetem à ideia de união da congregação judaica.

A parede mais antiga da sinagoga perpassa a simulação da sinagoga no segundo andar, delimitando a altura da estrutura do século XVII até onde terminam os tijolos holandeses. Em 2002, quando a sinagoga foi reaberta, os visitantes começaram a colocar pedidos em pequenas folhas de papel junto ao muro, relembrando o muro das lamentações, em Israel.

O local guarda, ainda, uma exposição de documentos de judeus imigrantes entre 1939 e 1945 - contrato de casamento, documento de naturalização, passaporte, e objetos da época.

Por fim, a rua onde a estrutura encontra-se localizada, atual Rua do Bom Jesus, teve vários nomes: Rua do Bode, remetendo-se à fauna local; Rua dos Judeus, dada a intensa presença judaica; Rua da Cruz, como forma de imposição da presença cristã; Rua dos Mercadores, nome não bem aceito pela população; e Rua do Bom Jesus, retomando a afirmação cristã. Atualmente, por justiça, toma-se a rua por "Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus".

CONTRIBUIÇÕES DA SINAGOGA PARA O TURISMO NO RECIFE

O Turismo Cultural trata da atividade turística voltada para o conhecimento de elementos culturais entre diferentes povos. Constitui-se como seguimento deste, portanto, o Turismo Religioso. Tem-se, assim, a definição:

> [...] o turismo religioso é uma forma de viagem na qual a motivação principal é a religiosa, no entanto podem ocorrer outras motivações, tais como curiosidade ou interesse cultural em compreender as manifestações tangíveis e intangíveis de determinada cultura religiosa. [...]
>
> O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 17).

Assim, o turismo religioso envolve a visitação a espaços religiosos dotados de caráter histórico-artístico-cultural, e possui capacidade de atrair turistas através da identificação cultural, da curiosidade, ou mesmo da vontade de conhecer uma cultura que parece diferente, podendo ser estimulado por características únicas de determinados povo, lugares ou eventos.

Nesse sentido, para Paloma Suellen de Assis Gonçalves, 18 anos, nascida e residente na cidade do Recife, estudante de história da Universidade Federal Rural de Pernambuco e estagiária da Sinagoga *Kahal Zur Israel*, o turismo nessa sinagoga é estimulado pela caracterização da mesma enquanto Primeira Sinagoga das Américas. A saber:

> Acredito que as pessoas visitam a Sinagoga pela importância de ser a Primeira Sinagoga das Américas, e porque na Sinagoga elas encontram a história dos primeiros judeus que vieram para as Américas e também parte da história de Nova Iorque. A Sinagoga recebe muitos turistas estrangeiros, principalmente judeus, holandeses e americanos, além de turistas pernambucanos e brasileiros que acham interessante ter a Primeira Sinagoga das Américas em Recife.

Do depoimento supra, é possível a compreensão sobre a necessidade de valorização da história e da cultura das comunidades religiosas que se pretende visitar em benefício do turismo:

> Os modos de vida, as danças, a língua e costumes dos povos tradicionais também se beneficiam do turismo, pois ao mostrar sua cultura, esses povos podem sentir-se valorizados e perceber que seu modo de vida é diferente, único, e por isso mesmo deve ser preservado. Essa valorização da cultura local pode originar programas de preservação, orgulhando os envolvidos e elevando a sua autoestima. (NETTO, 2013, p. 91).

A valorização cultural das comunidades religiosas abrange não somente interesses dos visitantes externos, mas também de todas e todos que se envolvem na troca de informações culturais, ou seja, da comunidade local como um todo. Assim, Lúcia Moraes Coutinho Silva, 56 anos, recepcionista da Sinagoga *Kahal Zur Israel* desde 2014:

> Gosto de trabalhar na Sinagoga pela visita dos estrangeiros para conhecer a Primeira Sinagoga das Américas, a mais antiga das três Américas. Acredito que a Sinagoga contribui para o turismo em Recife pela apresentação da história dos judeus, que é conhecida mundialmente. Ela também contribui para o aprendizado dos estudantes, principalmente das áreas de história, museologia e turismo, através dos estágios, passando o aprendizado deles para os alunos de escolas que aqui chegam.

Para o psicólogo baiano Weslei Sales dos Santos, de 30 anos, o que o atraiu para visitar a Sinagoga foi o conhecimento de ser a Primeira Sinagoga das Américas, fato que acredita contribuir para o turismo em Recife. Além disso, alega que a visita o fez desenvolver uma nova visão sobre o judaísmo, bem como sobre a influência do povo judeu no Nordeste brasileiro.

O professor de História, Rafael dos Santos Soares, de 33 anos, residente em Recife, em visita à Sinagoga com suas alunas e seus alunos, alega ser o conhecimento sobre a história judaica em Pernambuco fator importante para o desenvolvimento do turismo na capital pernambucana. Também para o professor de Espanhol, Carlos F. F. de Oliveira, de 45 anos,

residente na cidade e praticante do judaísmo, a difusão do conhecimento sobre a Sinagoga contribui para o turismo nessa cidade.

O coordenador Sandro Gomes, de 51 anos, oriundo do Rio Grande do Sul, gozando férias na cidade do Recife, explicou sua visita à Sinagoga em decorrência de curiosidade, mas afirmou ter encontrado no local rica formação cultural. Da mesma forma, o servidor público, Lucas Pinheiro, de 28 anos, oriundo de São Paulo, referiu-se à cultura diversificada que encontrou em Recife e na Sinagoga, e à formação cultural do local, como agente de estímulo para o turismo nessa cidade.

Para a museóloga de Minas Gerais, Luciana Menezes de Carvalho, de 34 anos, que esteve em Recife a trabalho e visitou a Sinagoga por curiosidade, é possível encontrar na Sinagoga informações sobre a formação da sociedade plural recifense, compreendendo o local como importante agente no rompimento de estigmas e estereótipos em benefício da pluralidade social. Explicam Dias e Silveira:

> O turismo tem importante papel socializador, pois permite o encontro entre pessoas de diferentes culturas; favorece a sociabilidade das pessoas que se encontram nas viagens numa condição psicológica altamente favorável a novos contatos sociais; contribui para o entendimento entre populações de diferentes regiões num mesmo país; incentiva a adoção de novos valores que, gradativamente, vão tornando-se universais; diminui as distâncias étnicas, permitindo maior conhecimento dos outros e seus costumes. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 13).

Nesse sentido, também, a compreensão de Rosana Rosenbaum, de 36 anos, nascida e residente na cidade do Recife, e supervisora da Sinagoga há aproximadamente dois anos:

> As pessoas visitam a Sinagoga pela questão religiosa, da cultura e da tradição judaicas. A Sinagoga oferece um veículo de condução de aprendizado e respeito às divergências tanto racial quanto religiosa. Respeito ao próximo, à questão religiosa e à questão da raça, expressando que todos somos iguais independentemente de cor ou credo. É mais um ponto para ser visitado que contribui para que as pessoas conheçam um pouco da cultura e da contribuição do povo judeu, tanto para o Estado de Pernambuco quanto para o Brasil. Os judeus

> tiveram participação na cultura pernambucana através de seu legado e tradições, e também no desenvolvimento financeiro deste Estado. A comunidade judaica nos presenteou com a Primeira Sinagoga das Américas, que conta um pouco sobre a formação étnica do povo brasileiro.

Sob uma compreensão sociológica do fenômeno do turismo, a atividade viabiliza a convivência e a paz entre os povos na medida em que permite o encontro, a partilha e o diálogo entre seres humanos de culturas diferentes, dispostos a compreender uns aos outros e a desenvolver uma convivência pacífica. Afirma, pois, Krippendorf (2012, p. 86):

> [...]. O turismo tornou-se o primeiro instrumento da compreensão entre os povos. Ele permite o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e têm línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica muito diferentes. Ele os reúne. É graças a ele, em grande parte, que esses seres humanos conseguem estabelecer um diálogo entre si, compreender a mentalidade do outro, que, de longe, lhe parece tão estranho, preenchendo, dessa forma, o fosso que os separa. Como a preocupação central do turismo é o ser humano, e não a economia, ele constitui um dos principais fatores de aproximação entre os povos e, consequentemente, da manutenção de relações pacíficas, em particular com os países em desenvolvimento. Hoje, essa nobre tarefa se reveste de uma importância maior do que nunca. Assim, ela é a mais importante de todas as que entram em consideração.

Assim, o turismo na Sinagoga *Kahal Zur Israel*, na cidade do Recife, capital de Pernambuco, contribui para a efetivação da paz mundial ao oportunizar o conhecimento que liberta de estigmas e preconceitos uma cultura bastante perseguida ao longo dos séculos, e auxilia no desenvolvimento da empatia para com o próximo, bem como do respeito à pluralidade e à diversidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença judaica no processo de colonização das Américas foi intensa e deixou marcas de intervenção econômica, social e cultural que a

perseguição religiosa e o preconceito buscaram, sem sucesso, apagar da história. A história da Sinagoga *Kahal Zur Israel* guarda consigo a história de sua comunidade, de modo que o local se constitui como estrutura física viva da história de um povo e suas práticas religiosas.

Os turismos cultural e religioso, como atividades que buscam resguardar aspectos culturais e sociais, auxiliam em uma correta abordagem do turismo, o qual deve auxiliar o ser humano na compreensão sobre o modo de vida de diferentes povos e comunidades, da necessidade de contribuir para a aproximação entre comunidades diferentes e descobrir a existência de outras formas comunitárias a questionar nossas próprias condições de vida.

Nesse sentido, ao desenvolver uma educação histórica, religiosa e cultural a respeito da comunidade judaica no Brasil e no mundo, o turismo desenvolvido na Sinagoga *Kahal Zur Israel* constitui agente importante não somente para o desenvolvimento do turismo na cidade do Recife – PE, mas principalmente, na consecução da humanização da atividade turista, a qual auxilia, inclusive, na efetivação do respeito à diversidade e da paz mundial.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Sinagoga Kahal Zur Israel: retornando à vida do Recife. **Revista de Arqueologia Americana** – Instituto Pan-americano de Geografia e História, México, n. 22, p. 63-79, 2003.

AOUN, Sabáh. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2003. 126p.

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (org.). **Turismo religioso:** ensaios e reflexões. Campinas: Editora Alínea, 2003. 149p.

ESCAVAÇÃO REVELA POÇO USADO EM RITUAL: arqueólogo da UFPE considera o "achado" uma das mais importantes descobertas históricas do primeiro núcleo judaico das Américas. **Jornal do Comércio**, Recife, 3 dez. 1999. Caderno Cidades, p. 7.

JÚNIOR, Oswaldo Giovannini. Turismo, religião e patrimônio cultural. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (org.). **Turismo religioso:** ensaios e reflexões. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 135-149.

KAUFMAN, Tânia Neumann. **Passos perdidos, história recuperada**: a presença judaica em Pernambuco. 4. ed. Recife: Ensol, 2005. 271p.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. rev. e ampli. São Paulo: Aleph, 2012. 238p.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Gente da Nação**: Cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654. 2. ed. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996. 552p.

NETTO, Alexandre Panosso. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2013. 127p.

TASSIN, Claude. **O judaísmo**: do exílio ao tempo de Jesus. São Paulo: Paulinas, 1988. 71p.

WIZNITZER, Arnold. **Os judeus no Brasil Colonial**. São Paulo: Pioneira, 1966. 218p.

ANEXO A

Figura 1 - Panfleto turístico da Sinagoga *Kahal Zur Israel*, produzido pela Fundação Vicky e Joseph Safra e distribuído ao público, no idioma português (2019)



Fonte: Acervo das autoras.

ANEXO B

Figura 2 - Panfleto turístico da Sinagoga *Kahal Zur Israel*, produzido pela Fundação Vicky e Joseph Safra e distribuído ao público no idioma inglês (2019)



Fonte: Acervo das autoras

ANEXO C

Figura 3 - As autoras na réplica da Sinagoga *Kahal Zur Israel* (2019)



Fonte: Acervo das autoras